

EDUCAÇÃO INFANTIL: O CONTATO DA CRIANÇA COM A NATUREZA E O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO

Lauriane Patricio Boeno¹

Elenice Ana Kirchner²

Eliezer Pandolfo da Silva³

RESUMO

O artigo discute a importância do contato da criança com a natureza e como essa relação contribui para o desenvolvimento integral, a consciência ambiental e o sentimento de pertencimento. A urbanização crescente e a redução de espaços naturais no cotidiano infantil têm limitado experiências fundamentais, resultando em impactos físicos, cognitivos e emocionais. Pesquisas apontam que a ausência desse vínculo pode levar ao chamado Transtorno do Déficit de Natureza (TDN), associado a problemas como obesidade, hiperatividade, déficit de atenção, miopia e desequilíbrio emocional. Por outro lado, experiências de cuidado e brincadeiras em ambientes naturais estimulam criatividade, autoconfiança, empatia e responsabilidade socioambiental. O texto ressalta que a educação infantil desempenha papel essencial ao proporcionar vivências com o meio ambiente que promovam aprendizagens significativas. Além da escola, o planejamento urbano e as políticas públicas são fundamentais para ampliar áreas de integração humano-natureza, fortalecendo a preservação ambiental e a qualidade de vida. Dessa forma, evidencia-se que promover o contato com a natureza desde os primeiros anos de vida é um fator determinante na formação de cidadãos mais conscientes, emocionalmente conectados ao meio ambiente e genuinamente engajados com práticas sustentáveis.

Palavras-chave: infância; natureza; pertencimento; desenvolvimento integral; educação ambiental.

A INFÂNCIA EM MEIO AO VIVO

O crescimento acelerado das cidades tem transformado profundamente o modo de viver. As amplas casas com quintais generosos cedem lugar a apartamentos compactos, mais acessíveis, porém frequentemente desconectados do verde e da vida ao ar livre. A imagem de uma infância vivida com os pés descalços na terra, entre árvores, flores, frutas colhidas no quintal e banhos de chuva demorados parece cada vez mais distante. Embora a configuração das famílias tenha mudado, é urgente refletir sobre o papel essencial que o contato com

¹ Professora do Curso de Graduação em Pedagogia pela UCEFF. E-mail: lauriane@uceff.edu.br.

² Professora do Curso de Graduação em Pedagogia pela UCEFF. E-mail: elenice@uceff.edu.br.

³ Professor do Curso de Graduação em Pedagogia da UCEFF. E-mail: eliezer@uceff.edu.br.

a natureza desempenha na formação das crianças e na saúde emocional do ser humano.

O contato da criança com a natureza proporciona momentos de diversão, aprendizado e fortalece o senso de pertencimento da criança ao planeta. Isso contribui para a formação de adultos mais conscientes, conectados e responsáveis. Quando a criança cuida da natureza, aprende a ama-lá, sente-se parte dela e responsável por sua preservação, desenvolvendo consciência ambiental, criando um vínculo emocional com o meio ambiente.

Tiriba (2005, p.7) afirma que “as rotinas as mantêm distanciadas: mesmo que se deslocando de um espaço para outro, a maior parte do tempo permanece emparedadas, contribuindo para que não se vejam e não se sintam como parte do mundo natural”. A rotina faz com que as crianças, na maioria do tempo, permaneçam dentro de espaços fechados, sem muito contato com a natureza. Os anos se passam, com a rotina agitada das famílias e as crianças não são oportunizadas a vivenciar as fases, a evolução e os processos do meio ambiente. Processos que devem ser observados e apreciados. Na realidade descrita, essa criança, agora é um adulto da sociedade, apesar da facilidade das informações e das campanhas de conscientização nas mídias, em relação a preservação do meio ambiente, não adquire consciência ambiental por não ter vínculo afetivo com a natureza. Não existem memórias afetivas, não existem vínculos emocionais, não se constrói consciência ambiental. Esse adulto não se conecta e não contribui com a causa, gerando adultos coniventes com a degradação do planeta.

Tiriba (2005, p.7) ainda complementa:

Raramente de pés descalços, as crianças brincam sobre chão predominantemente coberto por cimento e brita, revestimentos que predominam nas áreas externas. Poucos pátios são de terra ou barro. A grama, onde existe, muitas vezes não está liberada para as crianças, sob o pretexto de que nela não se pode pisar. Por outro lado, onde ocupa a totalidade da área externa, não oferece alternativas de brincadeiras de cavar, amontoar, criar e demolir, atividades tão desejadas, que só a terra e a areia propiciam.

A vegetação está presente na maioria das construções, em maior ou menor quantidade, com a ideia de contato dos seres humanos com a natureza. Esses espaços, geralmente, têm função decorativa, ou instrumental e a relação das crianças com o mundo vegetal é mediada por objetivos pedagógicos, o que antes era uma realidade da infância, hoje é uma construção de noções abstratas. As crianças não conhecem na prática os processos da terra. Sendo, raríssimas as instituições em que as atividades de plantio e manutenção de hortas e jardins inclui efetivamente as crianças ao contato e apreço pelo meio ambiente. Colocar barquinho de papel na correnteza em dias de chuva, brincar de comidinha, dar banho em boneca... atualmente, nada disso é corriqueiro. Pelo contrário, é exceção (Tiriba, 2005).

A realidade social não vai mudar, precisamos pensar em estratégias que oportunizem na infância o maior contato e vivências possíveis com o meio ambiente. Segundo Cocito (2016, p.99), “a relação entre o desenvolvimento da criança e os elementos da natureza podem ser estimulados e estruturados, de acordo com a realidade brasileira [...] uma Educação Infantil que estabeleça o equilíbrio entre espaços artificiais e naturais no cotidiano das crianças”.

Os processos naturais existentes nos ensinam qualidades/habilidades de uma vida adulta equilibrada. Através do acompanhamento do plantio é adquirida a paciência de esperar a colheita. O cuidado em preservar o que foi plantado e o que está sendo construído. As várias possibilidades de brincadeiras que afloram a criatividade e a resolução de problemas. Para Barros (2018, p.17):

O distanciamento atual entre as crianças e a natureza emerge como uma importante crise do nosso tempo. Especialmente no contexto urbano, independente do tamanho da cidade, o mundo natural tem deixado de ser visto como elemento essencial da infância. As consequências são significativas: obesidade, hiperatividade, déficit de atenção, desequilíbrio emocional, baixa motricidade - falta de equilíbrio, agilidade e habilidade física - e miopia são alguns dos problemas de saúde mais evidentes causados por esse contexto. [...] Nos últimos anos vimos surgir muitas pesquisas que sugerem o que alguns educadores, pais e especialistas atestam há décadas: o convívio com a natureza na infância, especialmente por meio do brincar livre, ajuda a fomentar a criatividade, a iniciativa, a autoconfiança, a capacidade de escolha, de tomar decisões e de resolver problemas, o que por sua vez contribui para o desenvolvimento integral da criança. Isso sem falar nos benefícios mais ligados aos campos da ética e da sensibilidade, como encantamento, empatia, humildade e senso de pertencimento. Os

sintomas e efeitos dessa desconexão compõem um problema sistêmico que está levando a profundos impactos em todas as gerações, especialmente crianças e idosos, afetando a qualidade de vida em todos os territórios.

A falta de afetividade do ser humano com o meio ambiente não é um problema apenas da área da educação, é um problema social, que com o passar dos anos vem se intensificando. Para minimizar os impactos negativos causados por um problema, é preciso chegar na raiz do problema e criar estratégias para minimizar os estragos.

A qualidade sistêmica da natureza oferece à criança a noção de complexidade e interdependência, que são valores fundamentais para pensar na sua ação no mundo e nas próprias relações sociais. Portanto, se esses momentos não tiverem lugar na escola ou em outros espaços, que talvez, na atualidade, não aconteçam na vida de grande parte das crianças, empobrece o repertório de experiências que as crianças podem (e devem) vivenciar. Experiências estas que permitem à criança se misturar ao mundo construindo aprendizagens significativas e subjetividades (Barros, 2018).

TRANSTORNO DO “DÉFICIT DE NATUREZA”

O contato do ser humano com a natureza tem gerado registros de pesquisas científicas, chegando a conclusões semelhantes: o contato do ser humano com a natureza é necessário para que ocorra um desenvolvimento integral e saudável (físico e mental).

Para Oliveira e Velasques (2020, p. 1) quando escrevem sobre o transtorno, dizem que:

O Transtorno do Déficit de Natureza (TDN) tem sido registrado em pesquisas científicas que revelam o quanto o contato com a natureza é necessário para que ocorra um desenvolvimento saudável – físico e mental - do indivíduo. Nas últimas décadas, os estudos sobre a primeira infância registraram um aumento significativo de problemas que podem interferir no aprendizado: transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, obesidade, diabetes, aumento da taxa de miopia, deficiência de vitamina D – capazes de causar síndromes

metabólicas, distúrbios emocionais, como depressão, ansiedade, estresse, dentre outros. Correlacionaram esses resultados não somente à falta de contato com a natureza, que causa tais impactos negativos ou pode ser agravado por essa desconexão – falta de vivências ao ar livre - mas também ao quanto a (re) conexão com a natureza é restauradora e um poderoso antídoto para combater o TDN.

Para as pesquisadoras, o contato do ser humano com a natureza tem poder preventivo, restaurador e curativo, capaz de oferecer benefícios a todos os aspectos relacionados à saúde, sendo uma descoberta significativa da pesquisa: que o desenvolvimento cerebral é tão influenciado pelo ambiente quanto pela genética (Oliveira; Velasques, 2020).

Silva (2024, p. 208) quando apresenta o tema, refere-se:

O Transtorno do Déficit de Natureza (TDN) é relatado pela literatura desde 2005. Refere-se aos impactos negativos relacionados ao distanciamento das crianças da natureza, do brincar e do aprender ao ar livre. O termo foi utilizado pelo Autor, Pesquisador e Jornalista americano Richard Louv, Cofundador da Children & Nature Network. Seu sétimo Livro, *Last Children in the Woods: Saving Our Children From Nature - Deficit Disorder* (2016) – no Brasil: *A Última Criança na Natureza: Resgatando Nossas Crianças do Transtorno de Déficit da Natureza* (2016) - que investiga a relação das crianças e o mundo natural em contextos atuais e históricos, provocados por um estilo de vida sedentário, sem contato direto com a natureza. O termo apresenta -se como uma forma eficaz de chamar a atenção para uma situação emergente, que provoca: Alterações nas condições físicas (falta de movimento, obesidade ou miopia); Mentais (estresse e ansiedade); Comportamentais (dificuldades de sono e hiperatividade) no indivíduo e que podem facilmente ser observados e diagnosticados por Profissionais Médicos. Tendo a incidência com menos de 12 anos de idade e apresentou uma maior evidência após o período Pandêmico da COVID -19. O TDN vem sendo pesquisado por diversas áreas como a Educação, a Medicina, a Psicologia e as Neurociências.

A Natureza fortalece o desenvolvimento integral e facilita o aprendizado, sendo relevante que faça parte do cotidiano de todos os sujeitos. No momento atual, torna -se um desafio que as crianças tenham contato de qualidade com a natureza (Silva, 2024). Sendo um desafio social, não apenas na área da educação. Para Nascimento, Lopes e Korndôrfer (2022, p. 182):

É necessário que se promovam mais áreas de integração humano-natureza, revitalização de espaços urbanos já existentes e áreas de conservação, que permitam aos indivíduos ter mais oportunidade de vivenciar e se sensibilizar pelo contato direto com a natureza. Além disso, considerando o peso do fator orientação, é relevante que os esforços se concentrem em políticas de educação ambiental crítica, que rompam com o mito da natureza romântica, e proporcionem transformação dos modelos de dominação da sociedade que vêm degradando a natureza. A orientação deve ser mediada pela afetividade, conhecimento e atitudes, para que a conexão com a natureza seja efetiva no campo da conservação.

A influência das experiências com a natureza na infância, reflete na fase adulta, os estudos mostram que a infância é preditora da proximidade ou distanciamento físico do indivíduo com a natureza (Nascimento; Lopes; Korndôrfer, 2022).

PÉS DESCALÇOS E GRANDES DESCOBERTAS

Pensar que muitas crianças atualmente ficam a maior tempo na escola, é dar a oportunidade, evitando o empobrecimento de repertório das experiências que elas precisam vivenciar. Todos os espaços da escola podem ser utilizados para o conhecimento: os jardins, as pequenas hortas, os pátios, os parques, as quadras. Quando esses espaços são ocupados pelas crianças, perceber-se que elas passam a ser responsáveis por eles, pois aprendem a cuidar deste ambiente do qual vivem, criando sentimentos de pertencimento e proteção ao ambiente que estão inseridas (Fontes, 2023).

Quando se trata do meio ambiente, segundo pesquisas de Nascimento, Lopes e Korndôrfer (2022) “os resultados indicam que as crianças que tiveram contato com zona rural na infância tendem a preservar essa mesma frequência de contato na fase adulta (46% dos entrevistados), como uma herança da interação que tiveram durante seu desenvolvimento”.

Esse não é um problema apenas das escolas ou da educação. A educação precisa ter ambientes educativos que explorem e estimulem, como afirma Fontes (2023): “Os espaços da escola precisam deixar de ser apenas elementos físicos e

precisam se tornar ambientes educativos, que promovam e facilitem as aprendizagens”. Mas o planejamento urbano precisa ser observado com atenção, além das escolas, o maior tempo das famílias é em suas residências e para Fontes (2023) “a falta de planejamento urbano causa inúmeros problemas, pois a ocupação do espaço não incorpora o potencial ecológico dos bairros e principalmente a periferia foi ocupada de forma desordenada, impactando aos mais vulneráveis, incluindo as crianças”.

O mundo está atento para esses assuntos e as políticas globais estão mudando, uma prova disso é a Agenda com metas até 2030 da ONU (Organização das Nações Unidas) que possui 18 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), dentre eles, 8 desses objetivos têm relação direta ou indireta com a preservação do meio ambiente, são eles: Fome Zero e Agricultura Sustentável, Água Potável e Saneamento, Energia Acessível e Limpa, Cidades e Comunidades Sustentáveis, Consumo e Produção Responsáveis, Ação Contra a Mudança Global do Clima, Vida na Água e Vida Terrestre.

A IMPORTÂNCIA DO CONTATO COM A NATUREZA

O ser humano está cada vez mais se afastando da natureza. “Os grandes centros urbanos, constata-se uma tendência de afastamento dos seres humanos da natureza” (Paz; Zacarias; Higuchi, 2022, p.3). Alguns pesquisadores associam esse contato de aproximação positiva com a natureza de Conexão com a Natureza (CN) (Paz; Zacarias; Higuchi, 2022).

Para os pesquisadores Alves, Chaves e Bonfim Chaves (2019, p.3):

A criança deve ter um contato estabelecido com a natureza, desde os seus primeiros dias de vida, sendo através dos diversos tipos de sons que a natureza emite (cantos dos pássaros, barulhos únicos de cada animal, chuva, brisa e barulhos de árvores) sem excluir aqueles que dão medo a criança (trovões, ventania e etc.), e dos diferentes tons e forma de espaços naturais, onde a criança deve estar inserida em todos que lhe faça evoluir conscientemente. A partir dessa ligação entre a criança e a natureza, ela irá se adequar facilmente na sociedade como um ser de luz espiritual e de calma, pois na sociedade depressiva e suicida em que vivemos a criança que preserva a natureza, preserva a si próprio e se torna o antidepressivo

para a sociedade, que hoje se encontra como vilã da natureza. Natureza a qual sem ela não existia sequer sociedade, pois tudo que construímos e que temos, tem uma parte da natureza.

A infância é o momento crucial para estimular ou desconectar a criança dos níveis de CN. O que definirá é as atitudes e crenças do adulto de referência sobre o contato com a natureza (Paz; Zacarias; Higuchi, 2022).

Alves, Chaves e Bonfim Chaves (2019) acreditam que o contato com o ambiente natural transforma a criança, ampliando sua percepção sobre questões climáticas, a ameaça de extinção da fauna, da flora e até mesmo de manifestações culturais. Essa vivência favorece hábitos de vida mais saudáveis, por meio do consumo de frutas e outros alimentos oferecidos pela natureza, além de despertar a consciência sobre a importância de manter o meio ambiente limpo e livre da poluição, já que ele é o lar de todos os seres vivos. A criança que cresce em proximidade e respeito com a natureza não levará esses princípios apenas por um período de sua vida, mas os carregará ao longo de toda a sua trajetória. Assim, ao falarmos da relação entre infância e natureza, estamos também nos referindo ao futuro adolescente, jovem, adulto e idoso que continuará reproduzindo esses valores em sua existência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A infância, quando vivida em contato com a natureza, transforma-se em um espaço fértil de descobertas, aprendizagens e pertencimento. O afastamento progressivo do ser humano do ambiente natural tem provocado impactos significativos no desenvolvimento infantil e, conseqüentemente, na formação de adultos menos conectados com a preservação do planeta.

Diante desse cenário, torna-se urgente repensar práticas pedagógicas, políticas públicas e estratégias urbanas que garantam às crianças o direito de vivenciar experiências ao ar livre, resgatando vínculos afetivos e construindo memórias que fortaleçam a consciência socioambiental. A escola, a família e a comunidade devem atuar de forma integrada, reconhecendo que o cuidado com a natureza é também cuidado com a vida.

Ao encerrar esta etapa deste estudo reforça a relevância de proporcionar à infância vivências que envolvam o contato direto com elementos naturais, como o andar descalço, as brincadeiras espontâneas e a convivência com os ciclos ecológicos. Tais experiências são fundamentais para o desenvolvimento de indivíduos mais sensíveis, empáticos e comprometidos com a construção de um futuro sustentável, no qual a relação entre humanidade e natureza seja compreendida como uma unidade indissociável, essencial à manutenção da vida e do equilíbrio ambiental.

REFERÊNCIAS

ALVES, Francisco Estênio Macedo; CHAVES, Maria Vitória Mesquita; CHAVES, Luciano Gutembergue Bonfim. **A importância do contato com a natureza para a criança**. 2019. Trabalho acadêmico (Pedagogia – Licenciatura). Universidade Estadual Vale do Acaraú, 2019.

BARROS, Maria Isabel Amando de (org.). **Desemparedamento da infância: a escola como lugar de encontro com a natureza**. 2. ed. Rio de Janeiro: Alana, 2018.

COCITO, Renata Pavesi. A natureza como espaço educacional: oportunidades para a infância. **Colloquium Humanarum**, Presidente Prudente, v. 13, n. especial, p. 94-100, jul./dez. 2016.

FONTES, Luciana Nascimento. **Primeira infância e a natureza: como redefinir os espaços da escola**. 2023. 29 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Centro Universitário São Camilo, São Paulo, 2023.

NASCIMENTO, Giovanna Morghanna Barbosa do; LOPES, Clarissa Gomes Reis; KORNDÖRFER, Carla Ledi. **A orientação e oportunidade no contato com a natureza na infância e fase adulta**. Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2022.

OLIVEIRA, Maria Souza de Oliveira; VELASQUES, Bruna Brandão. Transtorno do Déficit de Natureza na Infância - Uma perspectiva da neurociência aplicada à aprendizagem. **Latin American Journal of Science Education**. 2020.

PAZ, Damaris Teixeira; ZACARIAS, Elisa Ferrari Justulin; HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto. **A conexão com a natureza em adultos de referência para crianças**. Ambiente & Sociedade, São Paulo, v. 25, 2022.

SILVA, Gicele Santos da. O Turismo Pedagógico (TP) na Escola como Ferramenta de Redução do Transtorno do Déficit de Natureza (TDN). **Revista Nova Paideia - Revista Interdisciplinar em Educação e Pesquisa**, v. 6, n. 3, p. 798–811, 2024.

TIRIBA, Léa. **Crianças, Natureza e Educação Infantil**. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - Puc-Rio. Rio de Janeiro, 2005.